

INTOXICAÇÃO ACIDENTAL POR MELOXICAM EM CANINO

JOÃO PAULO TELÓ TIMM¹; CAROLINA DA FONSECA SAPIN²; LUÍSA MARIANO CERQUEIRA DA SILVA²; ALINE XAVIER FIALHO GALIZA²; JÉSSICA BASTOS²; FABIANE BORELLI GRECCO³

¹Universidade Federal de Pelotas/FV - joao.timm@live.com

²Universidade Federal de Pelotas/FV - carolinasapin@yahoo.com.br;
luisamarianovet@yahoo.com.br; aline.xavfialho@hotmail.com; jessica.bastos.l@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas/FV - fabigrecco@ig.com.br

1. INTRODUÇÃO

Os animais domésticos estão cada vez mais expostos a diferentes substâncias, alimentos, objetos e medicamentos com potencial tóxico, tornando-se mais susceptíveis à intoxicação, pois muitos dessas substâncias podem representar novidades e alertar a curiosidade do animal e ao buscar a experiência de explorar essas novidades, este hábito facilita acidentes de intoxicação por ingestão acidental de medicamentos. (MARASCHIN, 2015).

Casos de intoxicação em pequenos animais por antiinflamatórios não-esteroidais (AINES), podem ser observados quando o proprietário decide medicar o animal sem a devida orientação de médico veterinário, no intuito de aliviar os sinais de dor e desconforto, e doses imprecisas do medicamento. Além disso, o proprietário acaba por prolongar o tratamento por conta própria, quando percebe melhoras após uma ou duas doses (ALBRESTEN, 2002). Tais condutas podem levar a graves conseqüências e até mesmo o óbito (GFELLER; MESSONIER, 2006). Casos recorrentes são justificados pelo fácil acesso dos proprietários em adquirir estes medicamentos sem prescrição. Outra característica que facilita a intoxicação pelos medicamentos é a palatidade que alguns farmacos possuem.

Os AINES são ácidos fracos e por isso tem maior afinidade por locais com processos inflamatórios, cujo pH é baixo e favorece a concentração deles neste local. A acidez específica destes compostos auxiliam na excreção por meio de uma urina básica. Essa característica é importante em casos de intoxicação ou superdosagem desses medicamentos, onde o tratamento deve ser feito com a administração de substâncias alcalinas, como o bicarbonato. Existe uma particularidade com a espécie canina, onde a eliminação dos AINES é por via biliar, o que predispõem a maior ocorrência de lesões na porção inferior do trato gastrointestinal, levando a inflamação, sangramentos, enteropatias por perda de proteínas e constrições de segmentos intestinais. Já os efeitos colaterais estão relacionados à gastrites difusas, erosões gástricas, ulcerações, gastroenterites hemorrágicas fatais, falhas renais agudas, lesões renais crônicas. Também podem ocorrer distúrbios no metabolismo hídrico e nos níveis de sódio e potássio, retenção de água e sais no organismo (SPINOSA, 2011).

O meloxicam, antiinflamatório não esteroide indicado para dores crônicas, osteoartrite em cães e afecções musculoesqueléticas e no pré e pós-cirúrgico (TASAKA, 2006; PAPICHI, 2008), tem sido citado como responsável por um número considerável de intoxicações (CARVALHO. W. A. et al 2004). Deve-se salientar o uso de meloxicam deve ser evitado em gestantes ou lactantes e animais com menos de seis meses de idade (PLUMB, 2002). A substância provoca efeitos celulares deletérios principalmente para células gastrointestinais podendo causar úlceras pépticas e que dependendo do grau da lesão podem levar a quadros de anemia agudas e nos casos mais graves, choque hemorrágico

e morte. As úlceras podem ocorrer pelo comprometimento do mecanismo de proteção da mucosa. (JUBB, KENNEDY, PALMER'S 2006).

O objetivo desse trabalho é de relatar um caso de ingestão acidental de meloxicam em um canino.

2. METODOLOGIA

Os dados do histórico e sinais clínicos da enfermidade foram obtidos junto a ao clínico do veterinário responsável pelo paciente que foi atendido no HCV-UFPEL. A necropsia foi realizada no laboratório de patologia animal e foram registrados os achados macroscópicos e verificação das lesões. Realizada coleta de fragmentos de órgãos que foram fixados em formalina tamponada 10%, processadas rotineiramente e coradas com HE para a realização do estudo histopatológico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um canino, com um ano de idade, sem raça definida, chegou ao HCV-UFPEL apresentando apatia, espasmos musculares, sialorreia, mucosas palidas, e extremidades frias. Havia histórico, relatado pelo proprietário, de ingestão de oito comprimidos de meloxicam de 15mg cada. O animal apresentou agravamento dos sinais clínicos e morreu no mesmo dia da internação. Na necropsia observou-se úlcera gástrica profunda, múltiplas úlceras em toda a mucosa gástrica e intestinal, especialmente no intestino delgado, hemopericardio, hemoperitônio e conteúdo alimentar na cavidade abdominal. Os rins e fígado estavam pálidos.

No presente relato a causa morte foi choque hemorrágico em consequência de úlceras gastrointestinais perfuradas.

Choques hemorrágicos levam a redução acentuada do débito cardíaco ocasionando a incapacidade do sistema cardiovascular em manter a perfusão suficiente e se não corrigidas podem levar a falência múltipla de órgãos e a morte do animal.

4. CONCLUSÕES

A intoxicação por meloxicam em cães pode ocorrer acidentalmente, pela ingestão ou prescrição sem acompanhamento do médico veterinário. Portanto, quando o animal apresentar os primeiros sintomas de intoxicação, é necessário levar o animal ao veterinário mais próximo para que o tratamento adequado seja instituído.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBRETSEN, J. C. Oral Medications. **Small Animal Practice**, v.32, p. 421-442, 2002.

CARVALHO, W. A.; CARVALHO, R. D. S.; SANTOS, R. F. **Analgesicos Inibidores Específicos da Ciclooxigenase-2: Avanços Terapêuticos**, Rev Bras Anestesiol 2004; 54: 3: 448 – 464.

GFELLER, R.; MESSONIER, S. **Manual de toxicologia e envenenamento em pequenos animais**. 2 ed. São Paulo: Roca, p. 376, 2006.

JUBB, KENNEDY, PALMER'S. **Pathology of Domestic Animals**. 6th Edition. Copyright, v.2, 2016.

MARASCHIN, D. K. **Intoxicações em cães**. 2015. Trabalho de conclusão de curso de graduação. Curso de Medicina Veterinária. Faculdade de Veterinária. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

PAPICH, M. G. **Saunders handbook of veterinary drugs**. 2th Edition. Missouri: Saunders, p 740, 2008.

PLUMB, D. C. **Veterinary Drug Handbook**. 4th Edition. Iowa State Press, p. 1436, 2002.

SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**. 5ª Edição, 2011.

TASAKA, A. C. Antiinflamatórios não-esteroidais. In: SPINOSA, H. S.; GÓRNIK, S. L.; BERNARDI, M. M. **Farmacologia Aplicada à Medicina Veterinária**, p. 256-271, 2006.